

A FALSA CRISE OU POR QUÊ A GEOGRAFIA NÃO ENTRA EM CRISE?

Prof. Giovane Mota¹

Resumo

A clássica leitura econômica e a funcional leitura espacial não têm sido suficientes para explicar as novas dinâmicas do mundo das mercadorias, porque não estamos falando simplesmente de mercadorias e objetos espaciais, mas de subjetividades incorporadas a estes, de relações de trocas subjetivas criadas a partir da assimilação dos objetos pelo mundo. Para além do valor de uso é preciso também apagar o valor simbólico que aos objetos e lugares são assimilados. Entramos em discussões profundas que envolvem outros conhecimentos sempre pela porta dos fundos, e reforçamos uma idéia que nos tem sido muito cara, a idéia de síntese, por isso outras ciências nos buscam para que processemos a nova síntese do mundo, nosso eterno papel, pois sem ela como poderão pensar esse mundo que se apresenta. Sabem que temos os instrumentos, mais que suficientes para a construção do novo *imago mundi*, mas sabem também que poderíamos, se tivéssemos clareza disso, oferecer além de uma imagem ordenada, oferecer também uma autêntica explicação sobre as mutações espaciais. Por isso a geografia não entra em crise e quando entra gera falsas crises ou falsos dilemas, como o mundo *versus* lugar, cotidiano *versus* história, fragmentação *versus* globalização, dentre outros nossos conhecidos.

Palavras-chaves: flexibilização; cosmização; crítica epistemológica; espacialidades transferidas.

¹ Universidade Federal Do Pará Faculdade de Geografia e Cartografia. Belém - Pará – Brasil. EMAIL: giovanemota@hotmail.com

"Porque o espírito dos homens armados sempre flutua incerto, os antigos gregos concediam o benefício de um certo cegamento aos aedos encarregados de lhes ensinar, através de seus cantos itinerantes, sobre as aparências de um mundo em que o que se passa, a surpresa, o acidente, a irrupção do intempestivo, tudo o que no invisível movimento do tempo não pode ser imediatamente percebido".

A Ilíada

Um dos grandes debates da atualidade geográfica passa pelo tema da globalização, com todas as suas contradições e explicações, este tema exerce fascínio pela sua atualidade e pela multiplicidade de conflitos que eclodem nesse mundo de fim de século.

Ligados a este momento histórico específico coloca-se para as ciências e para a geografia, também um debate de magnitude, uma suposta e algumas vezes proposta crise de paradigmas. É como se a atualidade puxasse a veracidade dos paradigmas de roldão, nisso questionam-se as construções teóricas que se fazem no meio desse turbilhão histórico-espacial.

As alternativas de explicação do real multiplicam-se a mesma velocidade da aceleração contemporânea, rompe-se a extensividade do espaço e a narrativa temporal da história. Reivindicam os novos discursos, o fragmento e o lugar como explicação do novo mundo, em alguns casos, como se a simples inversão dos pólos de observação reconstruísse o real em toda sua dinâmica, em todo seu movimento.

Para nós geógrafos alguns dos problemas epistemológicos começam a aparecer, como resultado da cobrança exercida pelas outras ciências que até certo ponto exigem uma imagem organizada e sistematizada desse novo mundo, para poderem sobre ela estender

A falsa crise ou por quê a geografia não entra em crise?

Giovane Mota

seus conflitos e crises particulares. Uma imagem que reconfigure o caos, "uma cosmização do caos"².

A geografia então, diante desse movimento crescente corre contra o tempo, tentando tardiamente dar um salto que agora se torna duplo, aprofundar-se em si mesma em busca de sua epistemologia ao mesmo tempo em que tenta absorver novos ares teóricos já há muito assimilados pelas humanidades. Corremos agora atrás do prejuízo, pagando pelo desprezo a teoria que marcou grande parte do pensamento geográfico.

Nesse ponto se apresenta uma autêntica crise da geografia e daí derivam a fragilidade de algumas explicações sobre as mutações espaciais atuais, bem como a incapacidade de responder originalmente à necessidade da construção de uma nova imagem do mundo, ou como diz GOMES³ (1996) do novo "*imago mundi*".

As duas últimas décadas são, (...) marcadas por um discurso que procura uma explicação geral na idéia de crise – crise econômica, política, social e, a que nos interessa de mais perto, crise da ciência. O recurso a esta idéia faz intervirem implicitamente diversas outras noções: falência, esgotamento e incapacidade. Nessa via, este discurso se obriga a anunciar algo de novo, uma solução substitutiva que, em princípio, poderá preencher as lacunas associadas ao diagnóstico mesmo da crise.

A reconstrução do *imago mundi* tornasse essencial, não somente à geografia mas, e principalmente, forneceria a universalidade necessária e suficiente para que as outras humanidades permanecessem envolvidas, como estão, em alternativas aos discursos totalizantes, garantia aparente de seu novo salto qualitativo. Eis uma das principais fontes de reivindicações e críticas à geografia: cobrança e urgência de um **lugar** onde por os pés, num momento onde "tudo o que é sólido desmancha no ar".

Percebe-se que nossa crise é substancialmente diferente das outras ciências e nosso horizonte teórico não nos tem permitido ultrapassar as velhas imagens de um novo mundo,

² Os termos "cosmização", "cosmizar" serão utilizados neste texto no sentido aplicado por Jorge Luiz Barbosa (UFF), em seu curso sobre Métodos do Pensamento Geográfico, quando os qualifica como **ordenação**, **ordenar** pensamentos sobre uma época, objetos e espaços.

³ GOMES, Paulo Cesar C. *Geografia e Modernidade*. Bertrand Brasil: R.J., 1996.

A falsa crise ou por quê a geografia não entra em crise?

Giovane Mota

melhor dizendo, não temos conseguido representar o novo mundo senão com velhas imagens. Seria apenas uma crise de representação?

Na tentativa de buscar esclarecer o parágrafo anterior é que surgem alguns questionamentos, como o que ora apresentamos: *Como a geografia tem tentado responder a essas pressões? Como na verdade, está processando a reconstrução da imagem do mundo? Como é este mundo que a geografia está tentando construir?*

Como a geografia sempre foi a ciência do ordenamento, da organização do caos, apontam-se para ela as grandes expectativas de reconstrução ou ordenação da atual imagem do caos e aos geógrafos surge a questão de como fazê-lo, contemplando as expectativas e a si mesmos. Como recriar o mundo é a grande questão que se coloca neste *fin de siècle*.

Pego de surpresa pela aceleração espaço-temporal o geógrafo faz a única coisa que aprendeu a fazer nos *seculus et seculores* de sua construção e de seu *modus operandis* - **descrever o visível**, deixando assim de ameaçar o espaço de uma explicação mais densa que vem sendo construída pelas outras ciências humanas, que necessitam dessa base totalizante e organizada para reconstruírem suas teorias.

A reconstrução do mundo se faz então com a criação de 'imagens luminosas', imagens imediatas e marcadas por novos objetos; o mundo se torna por essa perspectiva o reflexo do imediato, fruto da instantaneidade da captação-distribuição dos acontecimentos. A transcrição desses novos objetos e dessa imagem *prima facie* é que marca a reconstrução do discurso ordenador da geografia, tentativa de vencer a velocidade.

O olhar capturado pelo momento reflete-o como real e a "nova cosmização do mundo" não consegue evidenciar senão, e novamente, o espanto que a imagem produz a partir de seus novos objetos e características. O olhar geográfico dos primórdios deste novo século capta o mundo com o mesmo espanto e deslumbre com que Humboldt descreveu o mundo dos trópicos em sua obra *Viagens as regiões equinociais* e aprimorou após no *Quadros da Natureza*, são olhares semelhantes estes, porque marcado pelo brilho das mudanças visuais, pelos novos objetos, pela sua quantidade e pela ampliação de horizontes que estes permitiram.

O olhar de Humboldt capta detalhes do novo mundo, iluminados que estão os objetos pelo sol dos trópicos - cores, sombras e matizes - num jogo de imagens que

A falsa crise ou por quê a geografia não entra em crise?

Giovane Mota

permite visualizar os novos objetos apresentados como definidores daquela realidade espacial. As formas-imagens são tomadas pelo conteúdo.

O conjunto de novos objetos, formas, sons, cores, luzes e imagens apresentam ao pensador alemão um mundo que deixa de ser o mundo já ordenado e concebido do velho continente; o mundo que se apresenta à razão aparece como caótico, instigante e fascinante, sua tarefa então é 'cosmizar' este mundo caótico e as idéias novas derivadas deste contato, ordená-lo para que possa permitir o domínio do sensível, é a razão ordenando a natureza e as culturas, é a razão ordenando as diferenças do visível existente nos trópicos, mas nesse 'mundo de luz', natureza e cultura são imagens, 'imagens luminosas'. *Cosmos* é a síntese maior desse processo de ordenação da imagem, do olhar, da paisagem e do pensamento sobre o sensível.

Buscamos, no momento atual, recriar esta síntese ordenadora, não a síntese simplista da somatória, contagem e distribuição dos objetos, mas uma síntese que compreenda uma explicação lógica para a aparente irracionalidade do acontecer e do aparecer. Enquanto isso não acontece os mapas do mundo continuam sendo corroídos e vilipendiados pelo real, a corrida pela atualização da imagem nos transporta para as fontes de informação cotidiana, onde lemos o aqui e o agora - *estamos sempre na crista da onda, o problema é que nunca conseguimos nela mergulhar.*

SANTOS aponta uma leitura para o momento quando nos diz:

vivemos em um mundo exigente de um discurso, necessário à inteligência das coisas e das ações. É um discurso dos objetos, indispensável ao seu uso, e um discurso das ações, indispensável à sua legitimação. Mas ambos esses discursos são, frequentemente, tão artificiais como as coisas que explicam e tão enviesados como as ações que ensejam.

Sem discurso, praticamente não entendemos nada. Como a inovação é permanente, todos os dias acordamos um pouco mais ignorantes e indefesos"⁴.

⁴ SANTOS, Milton. *Técnica - Espaço - Tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional*. HUCITEC: S.P., 1994, p. 20.

A falsa crise ou por quê a geografia não entra em crise?

Giovane Mota

Ao projetarmo-nos neste salto para o futuro criamos mais uma amarra com o passado, MOREIRA⁵ falava "de um salto para o mesmo lugar". Esta é a imagem que temos oferecido como resposta às pressões de ontem e hoje, são imagens marcadas pelo acontecer, fruto do 'jornal do dia', carentes de historicidade e de uma leitura político-espacial profunda e estrutural.

A leitura dos fragmentos injeta-nos a sensação de força explicativa, quando se quer assim. De outra forma, o caos se explica por si mesmo e em si mesmo, tal lógica explicativa assume a forma do novo e contribui para o ordenamento do mundo, criando também uma nova imagem da realidade espacial, a de um mundo que centra sua imagem-força no local. Os movimentos locais perdem assim, e por essa lógica explicativa sua totalidade, sua conexão orgânica com o mundo, transformam-se de força política em localismos e regionalismos, dão origem a uma fragmentação que despolitiza, uma reação espacial, uma reação política que se estabelece e se garante espacialmente. Criamos mais uma falsa dualidade - o local *versus* o global.

HOBBSBAWN reflete com clareza sobre este ponto de vista e apresenta-nos a dimensão mundial do lugar, ao analisar as relações temporais entre passado, presente e o futuro que se apontam na realidade do movimento zapatista no México:

*"quando a mudança social acelera ou transforma a sociedade para além de um certo ponto, o passado deve cessar de ser o padrão do presente, e pode, no máximo, tornar-se modelo para o mesmo [...]. Isso implica uma transformação fundamental do próprio passado. Ele agora se torna, e deve se tornar, uma máscara para inovação, pois já não expressa a repetição daquilo que ocorreu antes, mas ações que são, por definição, diferentes das anteriores. Mesmo quando se tenta realmente retroceder o relógio, isso não restabelece de fato os velhos tempos, mas meramente certas partes do sistema formal do passado consciente, que agora são funcionalmente diferentes"*⁶.

⁵ MOREIRA, Ruy. *O discurso do avesso (para a crítica da Geografia que se ensina)*. Dois Pontos: R.J., 1987.

⁶ HOBBSBAWN, Eric. *Sobre História*. Cia das Letras: S.P., 1998.

A falsa crise ou por que a geografia não entra em crise?

Giovane Mota

A força do fragmento está no fato deste ser a manifestação específica da totalidade e não uma parte da totalidade. Se incorremos num erro político e teórico ao priorizarmos uma leitura econômica do mundo, apagando ou reduzindo a força explicativa da diferença, incorreremos num erro igual ou maior se tratarmos a diferença como um em si. A força do lugar e de seus movimentos está no seu reconhecimento territorial, na sua territorialidade, mas e principalmente na sua capacidade de dialogar com o mundo e se entender como uma das múltiplas manifestações dele.

Mas voltemos aos eixos de nossa análise: como é este mundo com que a geografia tem nos brindado; salvo exceções, será simplesmente o mundo da imagem e da velocidade, o mundo das dicotomias espaciais, ou algo nos tem passado despercebido no discurso geográfico, e ele está sendo mais eficaz do que nunca? Vejamos.

A marca fundamental do momento em que vivemos é a velocidade, a mutação, a aceleração, somado a esses movimentos temos um intenso processo de produção tecnológica e informacional e a geografia tem captado esses movimentos através de suas cristalizações ou pseudo-cristalizações mais evidentes, quais sejam: *Primeiro*, através dos novos objetos e espaços tecnológicos, que vêm sendo criados a velocidades avassaladoras, dispensando até, em certos casos, uma assimilação por parte da sociedade consumidora dos produtos criados, deixando ou fixando, na verdade, uma sensação de volatilidade, essencial para a criação do novo padrão de consumo que se quer estabelecer. *Segundo*, marcado pelas permanentes mutações nas conformações dos Estados-Nações, fruto das dissolvências pós-guerra fria, e também pela criação de organizações e/ou territórios supra-nacionais, fundadores de uma nova lógica de organização e circulação espacial, estas manifestações criam um mapa tão instável quanto o tempo presente, portanto, perdem-se no meio do turbilhão as cristalizações territoriais, bases essenciais sobre as quais se estabelecem as lógicas geográficas.

Estas duas realidades básicas do espaço atual têm permitido uma gama de interpretações que, na geografia, muitas vezes tem se esgotado nelas mesmas, já que não aprofundam a questão da funcionalidade dos novos objetos nem a essência das mutações espaço-territoriais. As tentativas de explicação têm dado conta da aparência das mutações cartográficas ou quando muito de uma leitura simplista e economicista que imputa todas as

A falsa crise ou por quê a geografia não entra em crise?

Giovane Mota

culpas do mundo a "política cruel e avassaladora do modelo neoliberal", nova face do capitalismo, sem determinar ao certo como essa política age na subjugação do espaço aos seus interesses.

Esse processo de criação volátil, talvez fosse melhor dizer de criação do volátil, tem sido chamado, por alguns autores, de flexibilização do padrão de produção, acumulação flexível, toyotismo, entre outros, e é principalmente a partir dessa idéia de flexibilização que se tem formado a idéia-imagem do novo mundo, também é sobre essa nova onda que a geografia tem concentrado grande parte do seu atual esforço de produção.

Mas o que é ou sobre o que se processa essa flexibilização? Muitos são os autores e as definições que tem se apresentado buscando explicar a flexibilização, LIPIETZ (1988), HARVEY (1992), LATOUCHE (1994), ANTUNES (1995), BENKO (1996), SANTOS (1996), entre outros. Mas nos interessa a particularidade com que essa idéia de flexibilização tem servido para construir o mundo e seus novos espaços, pois é, justamente aí que vamos encontrar a precisa utilidade do discurso ordenador da geografia e sua validade.

O processo de globalização, em sua fase atual, revela uma vontade de fundar o domínio do mundo na associação entre grandes organizações e uma tecnologia cegamente utilizada. Mas a realidade dos territórios e as contingências do 'meio associado' asseguram a impossibilidade da desejada homogeneização⁷. (SANTOS, 1996: 37).

No processo de ampliação do capital o rompimento das barreiras, tomadas aqui no sentido amplo, torna-se essencial, já que estas obstaculizam sua ampliação desenfreada, bem como são um contraponto ao volátil. Assim se a barreira dos Estados-Nações começa a ser superada ou ajustada para facilitar a ampla circulação dessa nova maneira de ver o mundo, a barreira dos objetos-coisas e dos objetos tecno-espaciais continua a representar um certo obstáculo a ser transposto ou reincorporado a nova dinâmica.

⁷ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. HUCITEC: S.P., 1996.

A falsa crise ou por quê a geografia não entra em crise?

Giovane Mota

Para entendermos melhor o parágrafo anterior é necessário termos em mente o conceito de **espaço como acumulação desigual de tempos**, de Milton Santos⁸; a partir desta idéia central, entendemos a acumulação de tempos como a acumulação de histórias, acumulação de desejos e sentimentos, de projetos realizados e utopias. Assim os objetos produzidos e cristalizados ao espaço, frutos do tempo produtivo do capital que começa a ser superado e também fruto de outros tempos, estão carregados dessas *espacialidades transferidas*, e ao transferirmos espacialidade aos objetos que recebemos ou criamos, transferimos para eles aqueles projetos, desejos e sentimentos de que falamos acima, fundem-se no processo de produção do espaço, objetos - racionalidades - interesses - sentimentos - projetos. Por isso falamos que ao produzir espaço produz-se sociedade e vice-versa.

Está claro que as cristalizações espaciais são muito mais do que meros objetos alocados no espaço de forma a estabelecer uma funcionalidade unilateral, qual seja, a de servir ao projeto exclusivo do capital, já que assumem também as representações e expectativas dos mortais comuns, e é por isso que uma rua pode ser a representação de uma infância feliz, uma casa pode ser fruto de um projeto de vida, uma praça a lembrança do primeiro namoro e assim segue com os objetos menores de nosso cotidiano que ganhamos, compramos ou presentearmos. São estas transferências os verdadeiros obstáculos à flexibilização, por isso a volatilidade tem que se tornar um hábito, o novo hábito e habitat do capital.

Os próprios objetos criados e cristalizados pelo capital ou por outros tempos tornaram-se obstáculos aos novos objetos flexíveis, é preciso, pois, corrompê-los, usurpar sua capacidade de reter; de reter histórias, sentimentos, projetos e desejos. O projeto tem que ser transformado no aqui e agora, a história vira conjuntura e momento, o espaço transmuta-se no detalhe, no fragmento, e o *desejo* é um perfume que depois de 24 horas se evapora...

Criamos então a sensação da fuga constante, já que nada conseguimos capturar, vivemos a sensação de estarmos sempre atrasados, pois não temos o computador de última geração, não lemos o mais recente livro lançado sobre o tema que nos interessa, não temos

⁸ SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. HUCITEC: S.P., 1986

A falsa crise ou por quê a geografia não entra em crise?

Giovane Mota

o mais tecnológico dos televisores ou aparelho de som, estamos atrasados para o mundo, e esse discurso se faz na economia e na política, é o *old world* que precisa ser reordenado para receber o *new world*.

As mutações no mundo do trabalho, no processo de produção, nas regulamentações para as unidades federativas e para o próprio Estado, as amplas reformas do aparelho estatal, todos esses movimentos decorrem da nova lógica que se quer impor, o sólido se transforma a uma velocidade avassaladora e nos tornamos espectadores da reconstrução do mundo, e os movimentos da classe trabalhadora transformam-se em reação, já que os objetos aos poucos vão deixando de reagir, e assim acontece porque os objetos que continham são substituídos por objetos contidos, novos objetos desprovidos de sonhos e projetos dos homens.

Mas a pergunta que surge é: não poderiam os homens preencher novamente estes objetos?

É por isso que o momento atual evita as cristalizações, por isso a flexibilização é a ordem do momento, economias flexíveis, indústrias flexíveis, empregos flexíveis, são as formas do momento, é a expressão máxima do meio técnico-científico-informacional de Milton Santos. Então, a grande flexibilização que se processa é a *flexibilização das gentes*, flexibilização da subjetividade, flexibilização dos homens em seus projetos, desejos e objetos, somente assim o capital pode corromper definitivamente a atual ordem espacial.

Nesse sentido, a clássica leitura econômica e a funcional leitura espacial não têm sido suficientes para explicar as novas dinâmicas do mundo das mercadorias, porque não estamos falando simplesmente de mercadorias e objetos espaciais, mas de subjetividades incorporadas a estes, de relações de trocas subjetivas criadas a partir da assimilação dos objetos pelo mundo. Para além do valor de uso é preciso também apagar o valor simbólico que aos objetos e lugares são assimilados.

Interconexões, redes, circuitos, cadeias, fluxos, termos que se apresentam naturalmente à mente, quando se procura analisar as modalidades novas do espaço moderno; traduzem a relação fundamental da mobilidade, da qual procedem as tendências à onipresença e os sistemas 'fora do chão'. As singulares posições no

A falsa crise ou por quê a geografia não entra em crise?

Giovane Mota

*espaço concreto têm uma importância meramente secundária, o ambiente real não representa senão uma 'baixa prioridade'. É pois, segundo uma lógica circular que se organiza a atividade econômica e a produção cultural, a vida cotidiana e as estruturas edificadas*⁹ (CHESNEAUX, 1995: 20)

Aqui, mais uma vez, a geografia mostra sua eficácia de ocultação, já que o mundo que nos tem apresentado é o das láureas da revolução tecnológica, visto que os geógrafos adoram novidades; ou quando muito, depois de detectar as transformações e ressaltar a velocidade com que ocorrem, descobre-se o neoliberalismo como o 'grande irmão', de Orwell, sem no entanto, explicar como a velocidade do processo introjeta no corpo social o mundo da dissolução permanente, entropia necessária à nova ordem. As alternativas a essa leitura têm-se dado no sentido da apologia do fragmento, como já ressaltamos anteriormente, sem atentar que a nova dinâmica de dissolvência criada não atinge somente os espaços, mas, e principalmente, as gentes, que estão em todos os lugares, que, portanto, tendem a ser assimiladas em suas diferenças mesmo que nunca saiam de seus lugares e culturas; para isto basta observar a apologia da diferença que vem aparecendo cada vez mais nos comerciais e propagandas das grandes marcas multinacionais, onde toda diferença se faz subsumida na legitimação de um suposto congraçamento global da espécie humana, argumento que permitiria superar as diferenças étnicas, religiosas, sociais, econômicas, e é claro, e fundamentalmente, as diferenças de mercados consumidores.

Por isso a geografia não entra em crise e quando entra gera falsas crises ou falsos dilemas, como o mundo *versus* lugar, cotidiano *versus* história, fragmentação *versus* globalização, entre outros nossos conhecidos.

Entramos em discussões profundas que envolvem outros conhecimentos sempre pela porta dos fundos, e reforçamos uma idéia que nos tem sido muito cara, a idéia de síntese, por isso outras ciências nos buscam para que processemos a nova síntese do mundo, nosso eterno papel, pois sem ela como poderão pensar esse mundo que se apresenta. Sabem que temos os instrumentos, mais que suficientes para a construção do novo *imago mundi*, mas sabem também que poderíamos, se tivéssemos clareza disso,

⁹ CHESNEAUX, Jean. *Modernidade-Mundo*. Vozes: Petrópolis, 1995.

A falsa crise ou por quê a geografia não entra em crise?

Giovane Mota

oferecer além de uma imagem ordenada, oferecer também uma autêntica explicação sobre as mutações espaciais, que superasse os dilemas, e uma das bases dessa explicação estaria na idéia de *espacialidades transferidas* e de *flexibilização das 'gentes'* (*flexibilização da subjetividade*), que apresentamos nesse ensaio como contribuição à resignificação de alguns conteúdos que se têm apresentado ao debate da geografia.